

# VOCÊ NÃO VAI QUERER FAZER PARTE DESTA HISTÓRIA !

*O terror causa repulsa e desconvida o espectador a querer uma vida igual a dos personagens. É entre uma nota musical e outra, um desalinhamento do cenário e a produção exacerbada, que se toma um susto*



SITE IMDB

*Em O gabinete do Dr. Caligari é possível ver várias características do expressionismo alemão: figurino e maquiagem pesados, cenário desalinhado e ênfase na expressão dos atores*

**AMANDA REBELO E NATHALIA PINTO**

Figuras monstruosas, sangue, gritos, medo. O que não faltam são características que permeiam o imaginário do ser humano ao falarmos em filmes de terror. Há mais de meio século, o gênero assusta e desperta múltiplas sensações, fruto de aspectos técnicos, como a iluminação e a trilha sonora, que contribuem para que o espectador seja induzido à apreensão.

Inspirado na literatura de autores como Edgar Allan Poe, Bram Stoker e Mary Shelley, a evolução dessas produções está

ligada diretamente aos eventos-chaves da sétima arte. Se levarmos em conta os primeiros filmes mudos, podemos reparar que as películas prezam pelo desconforto e mostram a oposição entre o tradicional e a originalidade.

Ao revisitarmos o passado, percebemos que os responsáveis pelos primeiros sustos na telona despertaram no expressionismo alemão. O movimento, que surgiu no pós Primeira Guerra Mundial, chegava como consequência da energia que permeava a sociedade naquela época. O professor de Cinema da Pontifícia Universidade Católica do

Rio de Janeiro (PUC-Rio), Arturo Netto, explica que a subjetividade foi fundamental para, de certa maneira, denunciar ou mostrar a avaliação crítica sobre o contexto. “O cinema alemão escolheu este viés porque o que era objetivo, era muito duro de se ver. E nada mais emblemático do que significar o expressionismo a algo ligado ao terror. O mundo do expressionismo era denso, pesado, sem perspectiva. Era preferível criar o olhar subjetivo subliminar para dar algum tipo de vazão ao processo de catarse” – explica o docente.

No visual, o uso exagerado da sombra definia os ambientes,

sem que os cineastas precisassem recorrer a cenários elaborados. Fantasiosas, as narrativas eram recheadas de um romantismo, com personagens atormentados, desde aquela época, por espíritos e medo. Cenários distorcidos, maquiagem em excesso, jogo de luz e fotografias densas eram os mecanismos mais usados nesse tipo de cinema.

Para Arturo, é compreensível que, ao trabalhar com a cenografia, a direção de arte tivesse uma proposta mais singela, nua e crua, com cenas pintadas principalmente em preto e branco. O professor também chama a atenção para a formação dos diálogos e a atuação dos atores. “Estávamos na época do cinema mudo: tínhamos os intertítulos, as cartelas que eram colocadas. Muito mais do que qualquer cartela reproduzindo qualquer diálogo, o mais importante era a expressão, o olhar, a maneira que o rosto dos atores transmitia a angústia, que dispensava uma conversa objetiva. Por isso, falamos de novo de um cinema que apostava suas fichas no aspecto subjetivo”.

Dirigido por Robert Weiner e datado de 1920, o longa *O gabinete do Dr. Caligari* é considerado pelos cinéfilos como uma das obras mais marcantes do expressionismo alemão. Durante aproximadamente 80 minutos, o filme compõe uma metáfora do olhar deformado, a partir de ruas estreitas e telhados góticos. Figurinos pesados contrastavam com a atuação dos atores, que exigia uma maior ênfase da expressão, da face, do rosto e dos

movimentos. “A figura soturna do personagem principal e os crimes que começam ocultos e ocorrem na cidade reforçam esse movimento. E todos os personagens começam a criar uma tensão sobre onde estava metido o Dr. Caligari nessa história sinistra. Temos o sinistro, o duvidoso, a interrogação” – comenta Arturo.

Outro ícone da época e filmado dois anos depois de *O gabinete*, *Nosferatu* ainda consegue surpreender nos dias de hoje. Caracterizado como um ser soturno, desfigurado e a própria expressão imagética do Mal, o personagem faz jus à abertura do filme: “Nosferatu é a palavra que se parece com o som do pássaro da morte da meia-noite”.

As técnicas de filmagem e iluminação, desenvolvidas pelos alemães, atraíram a atenção de cineastas como Alfred Hitchcock, Luís Buñuel e Orson Welles. Não à toa, os grandes autores continuariam suas carreiras em Hollywood e deixariam um rastro no cinema americano com a estética germânica.

## O cinema yankee

Relutante em produzir filmes do gênero, Hollywood tornou-se célebre pela produção de filmes com lobisomens, múmias e vampiros. Em 1968, o polonês Roman Polanski lançou *O bebê de Rosemary*, considerado como um representante do terror, após bem-sucedidos trabalhos como *Repulsa ao sexo* e a comédia *Dança dos vampiros*.

Ao lado de *O massacre da serra elétrica*, dirigido por Tobe Hooper, *Halloween*, de John Carpenter, influenciaram uma leva de



Carrie, a estranha, filme de Brian de Palma baseado no livro de Stephen King

filmes com assassinos misteriosos e impiedosos que perpetuaram as telas dos anos 1980. O tema possessão também viveu um auge em obras como *A profecia*, *Terror em Amityville* e *O exorcista*.

Foi este último filme que deixou a historiadora Driele Rodrigues não dormir por uma semana. Aos 12 anos, assistiu ao longa na antiga Sessão de Sábado do SBT e deu o ponto de partida no interesse pelo terror. “Lembro muito bem do *O exorcista*. Senti muito medo na época. No começo, o que me atraía era a vontade de levar sustos. Hoje, o terror para mim é algo mais psicológico”, conta a jovem de 26 anos.

Ainda nesta leva, *Carrie, a es-*



Jack Nicholson em *O iluminado*: filme que rendeu ao ator o Globo de Ouro

tranha, de Brian de Palma, deu o *start* na febre de adaptações de livros do escritor Stephen King. O cultuado *O iluminado* (1980), de Stanley Kubrick, foi outro, com um Jack Nicholson completamente ensandecido.

Já os anos 1980 foi marcado pela ascensão dos filmes de baixo custo, taxados de *slashers* ou *splatters*, onde a onda era ter maníacos que corriam atrás de jovens seminuas. Quem não lembra do famoso *Sexta-feira 13*, com o popular Jason Vorhees triturando jovens pecadores? O comparsa bonitão conhecido como Freddy Krueger apareceu pela primeira vez em *A hora do pesadelo* (1984).

Os anos 1990 chegaram e há quem diga que as produções ficaram rarefeitas e malfeitas. O diretor Wes Craven filmou o brincalhão *Pânico* (1996), que retomava a estética dos filmes mata-mata dos 1980. O sucesso

iniciou uma série de produções com jovens atores americanos, como *Eu sei o que vocês fizeram no verão passado* (1997) e *Lenda urbana* (1998).

## O cinema ao redor de Hollywood

Nem só de *O exorcista*, *A bruxa de Blair* e *Pânico* vive o terror. O gênero contemporâneo cinematográfico nasce em países específicos como Japão, Tailândia, Coreia do Sul, México e Argentina. O professor de Cinema Mundial II da PUC- Rio, Hernani Heffner, explica que tais países passaram por uma alta transformação socioeconômica e tecnológica, mudando o jeito de ver o mundo e, conseqüentemente, de fazer cinema. “Eles entraram em um novo patamar de vida e começaram a enfrentar problemas de urbanização, industrialização, degradação no meio ambiente

e reagiram a isso: através do filme de terror ou horror, que pode ser eventualmente como no estilo coreano, uma espécie de grande lesma assassina que brota do mar, chamada de ‘O hospedeiro’” – diz.

Atualmente, o cinema de terror fora de Hollywood é mais metalinguístico no sentido de ser um comentário ao gênero que o consolidou, distinguindo-se da veia mais clássica. Ou seja, dentro do próprio filme há um parecer sobre como as plateias se relacionam com o horror. Outra questão levantada pelas obras é a identidade do sujeito, bem mais problemática na atualidade. “A maioria dos filmes contemporâneos leva seus personagens para dentro da natureza. É quase como se houvesse um movimento de sair da cidade, mas esse movimento – que seria de fuga, talvez – fosse inócuo. Você vai

fugir do quê? O problema não é exatamente a cidade, não é exatamente a natureza. O problema é que sempre existirão forças que vão te destruir” – pontua Heffner.

O docente também fala sobre a cinematografia espanhola, que remonta a um passado cultural. Segundo ele, esse passado se faz presente ao tornar-se uma barreira que impede o conhecimento. “O passado é violento, interditado. O terror é a necessidade de que o sujeito tem de conhecer, mas esse conhecimento terá um custo: a destruição dele como sujeito. De alguma maneira, o movimento que o cinema espanhol tem é o da fuga, quando é possível fugir”.

Por sua vez, o terror japonês tem uma característica interessante para Heffner: a origem do mal vem a partir de uma tecnologia audiovisual, espécie de referência ao próprio meio. “Em uma sociedade onde essa presença tecnológica é tão forte e cotidiana, que domina a vida do sujeito de todas as maneiras, desde como ele vai dormir, levantar e comer, o cinema japonês aposta na dificuldade do sujeito formular uma identidade nessa altura, quase impossível”.

Arturo Netto menciona o fato do cinema de terror viver um bom momento para fazer catarse e para colocar os “bichos para fora”. “As pessoas se manifestam, dão gritos por um motivo ou outro. Nada mais emblemático e simbólico do que o terror para vivermos essa experiência coletiva”.

Como toda boa categoria, o



Clássico: cena e a trilha sonora são ícones do gênero

terror também precisa de reinvenção. A demanda pelo inusitado e pela surpresa vai de encontro ao tornar o filme mais denso e intenso. “Em todos os gêneros, está mais difícil assistir a uma produção que realmente encante e seja um ponto fora da curva. Ninguém melhor do que o espectador para saber se aquele filme o pegou. Acho que a questão de ter um bom roteiro, principalmente nesse gênero, é um grande desafio. A exigência está cada vez maior” – ressalta.

### Som da cena

Uma mulher entra no chuveiro. Fecha a cortina e liga a ducha. O som da água é relaxante. Ela se banha, contente. A porta do banheiro se abre ao fundo. A moça não vê, está distraída. Uma figura se aproxima. É uma pessoa, mas não se sabe

quem. É um vulto negro. A figura se aproxima do boxe, abre a cortina e revela uma faca. Uma música começa a tocar – é estranha, aguda e ensurdecadora.

A mulher se vira e grita enquanto o vulto aparenta esfaqueá-la. A canção parece caminhar para um ápice que nunca chega, criando uma tensão e expectativa. O sangue escorre pelo chão branco. A figura sai. A mulher tenta se segurar. Ela escorrega e a música segue para um grave como se acompanhasse o movimento dela. É fatal. A composição acompanha a agonia da moça que puxa a cortina. O som alto cessa. Ela morreu.

Descrever a cena icônica do filme *Psicose*, de Alfred Hitchcock, apesar de parecer fácil, é uma tarefa complicada. Isso porque a narração, feita somen-



*O longa japonês Ringu (que deu inspiração para O chamado) seguindo a lógica da origem do mal vinda da tecnologia*

te em palavras, falha em não poder transmitir o elemento principal do episódio: a trilha sonora. Brian Hermann, compositor da trilha, contou para Brian de Palma que Hitchcock não queria música nesse trecho. Já imaginou?

Artifício essencial para os filmes de terror, a música é capaz de causar angústia, tristeza, ansiedade. O professor de Composição de Trilha Sonora para Produtos Audiovisuais, David Tygel, comenta a importância das composições nos longas do gênero. “A música se torna mais um dos personagens. O medo, o susto e o terror são escancarados. Nada de bom gosto, politicamente correto, sutil e o que vêm com as palavras ‘favorável’, ‘positivo’, ‘interessante’. É na veia, e a música pode ser imbatível criando clichês” – afirma.

O silêncio também é uma forma de potencializar o suspense em alguma cena. Tygel comen-

tou que o susto é maior se precedido pela ausência de sons. A historiadora Driele Rodrigues concorda. Para ela, o silêncio pontual no filme *Tubarão*, de Steven Spielberg, é algo consagrado. “O baixo orçamento fez o diretor criar um dos climas mais tensos da história do cinema, com uma única música e silêncios pontuais.” Segundo ela, a trilha é tão importante quanto o roteiro e a estética. “Ela provoca aquela imersão que te faz sentir o que os personagens sentem. Até a ausência de trilha, quando bem usada, é um recurso incrível”.

Mas há diferenças nas músicas de filmes de terror psicológico e os terrores mais sangüinários. Tygel explica que o tipo convencional do gênero trabalha mais com aquilo que está sendo explicitado, enquanto o outro é mais sutil. “O terror convencional usa a música de acordo com a imagem: se todos estão correndo numa cena ten-

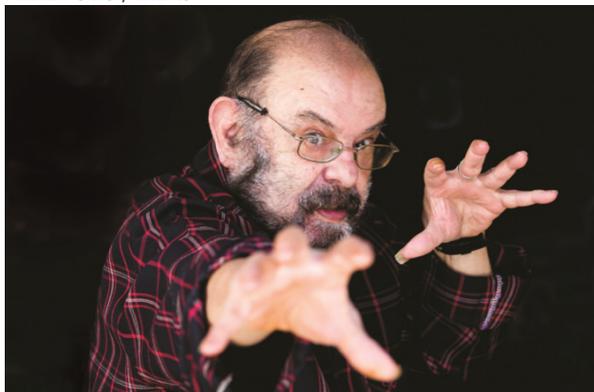
sa, a música é rápida. Porém, no terror psicológico, o que conta é o que o personagem está tramando, à noite, na surdina, em silêncio, lentamente. A música pode ser vibrante porque os policiais, por outro lado, querem prender o *serial killer* antes que ele cometa o próximo crime”.

Aquilo que é subentendido através dos sons às vezes mais afasta do que atrai espectadores. A estudante de Comunicação Social da PUC-Rio Nathalia Diniz Machado, que evita assistir qualquer filme de terror, diz que o desconhecido é assustador nesse gênero. “Ouvimos certas coisas que não são apresentadas para nós fisicamente. A única representação é o próprio som. Portanto, formamos uma ideia em nossa cabeça do que aquele som representa, não o que ele realmente é. Ficamos mais livre e imaginativos. Neste caso, o som é a forma com que lemos as ações do filme. Não ‘ver’ algo e só escutar: é talvez até mais aterrorizante”.

Tygel exemplifica sobre o tipo de música que caracteriza esses filmes e que ajudam o sentimento de estranheza. “Há vários sons, vozes reverberadas, uma guitarra meio desafinada, harmonias estranhas, instrumentos que não são usados normalmente, uso de gritos”. Quando estamos no cinema, esse estranhamento é ainda pior. O docente comenta que os efeitos de reverberação, quando os sons passam de uma caixa sonora a outra rapidamente, que vão para frente e para trás, auxiliam o bizarro característico do gênero. 🍷

## Brasil, qual a tua cara?

ANDRÉ PORTO / METRO



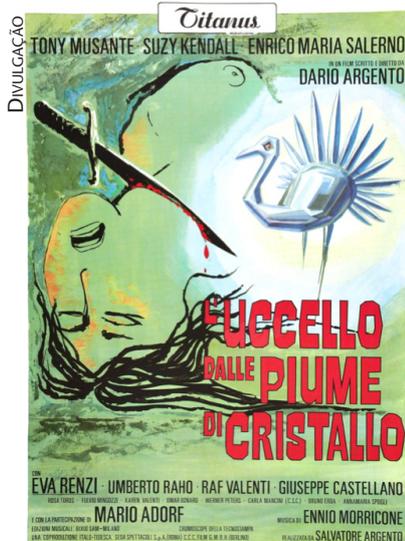
O ator José Mojica é um dos principais expoentes dos filmes de terror brasileiros

Heffner dá o exemplo do longa *Trabalhar cansa*, de Marco Dutra e Juliana Rojas, no qual a protagonista quer ser dona do próprio negócio e compra um mercado. “Você realmente vira um empresário? Isso é tranquilo, vai conhecer só alegrias a partir daí? O filme de terror

diz ‘não’. Todo processo em meio ao capitalismo exige uma ascensão, uma queda, perdas, e eventualmente vai transformar um neurótico, um obsessivo e um paranoico” – destaca.

Heffner classifica a reestruturação do gênero brasileiro como “muito variada” por ser “do Rio Grande do Sul ao Acre”. No entanto, a produção nacional não fica só na linha do terror psicológico. Hernani fala de diretores de outras vertentes, como Dennison Ramalho, Petter Baiestorf e até mesmo Kleber Mendonça Filho.

Já Arturo Netto comenta que “há desafios por causa da falta de mercado, pois, quase sempre, esses filmes são considerados de tipo B, com produções escassas”. Ele explica ao fazer uma comparação do mercado brasileiro com o americano. “Uma coisa é recebermos um filme importado americano, em um contexto da segmentação de produto. Existe possibilidade, aquelas famosas gavetas que são gêneros cinematográficos, de ter fidelização. Isso faz com que o gênero tenha força para se sustentar. Ou seja, tem uma certa audiência garantida” – ressalta.



O pássaro das plumas de cristal, dirigido por Dario Argento

## G is for giallo

Com uma mistura de assassinatos, violência exacerbada, nudez deliberada e suspense, o Giallo é um gênero cinematográfico e italiano importante dos anos 1960 e 70. Entre os aficionados do cinema cult, serviu como uma alternativa para as fórmulas dos filmes de terror americanos. A maioria deles são semelhantes: um assassino em série, geralmente mostrado somente no final, um detetive que procura o assassino e mortes chocantes, principalmente de mulheres.

O pioneiro do Giallo foi Mario Bravo, cujo filme *Olhos diabólicos* (1963) serve como o primeiro exemplo verdadeiro da categoria. O nome do longa é uma clara homenagem à Alfred Hitchcock e seu filme *O homem que sabia demais* (1956). Além dele, Dario Argento, com *O pássaro das plumas de cristal* e *Prelúdio para matar*; Mario Brava, com *Seis mulheres para o assassino*; Pupi Avati e *A casa com janelas que riem*; e Sergio Martino, com *Todas as cores da escuridão*, deram cara ao Giallo pelo mundo afora.

## Para saber mais

- [http://revista.cifras.com.br/artigo/top-15-musicas-horripilantes-de-filmes-de-terror\\_8979](http://revista.cifras.com.br/artigo/top-15-musicas-horripilantes-de-filmes-de-terror_8979)
- <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-109340/>
- <https://www.youtube.com/watch?v=fMuQpitplU8>
- <http://gq.globo.com/Cultura/Cinema/noticia/2015/10/os-31-melhores-filmes-de-terror-de-todos-os-tempos.html>

## O lado B do cinema

### O professor Hernani Heffner fala sobre os filmes B, diferença de público e as principais potências cinematográficas deste outro "lado"

**Eclética** - Sobre os filmes B, o senhor acha que eles criam uma nova linha de terror ou tentam seguir Hollywood?

**Hernani Heffner** - Um terror hoje de grande produção é um terror de monstro. Esses filmes de monstros, aliens e etc., são os blockbusters do gênero. O filme B é o de confinamento. Você fazer um filme só numa casa, é óbvio que, do ponto de vista da produção é algo muito mais prático, barato e simples. Ao mesmo tempo, um desafio narrativo. Como eu vou sustentar duas horas aqui de perseguição em três quartos, duas salas e um corredor?

**E** - É mais psicológico?

**HH** - Não, tem pouca psicologia no terror contemporâneo. Essa dimensão nunca foi o forte do gênero e hoje em dia é mais físico, mais de ação, tem pouca discussão filosófica ou moral. É o gênero mais do truque de terror: como é que eu vou te assustar aqui e você vai continuar consumindo isso? Ao mesmo tempo, o desafio se torna mais interessante se eu vou ter que te assustar em um espaço muito pequeno. Como todo gênero, o terror é muito estereotipado, tem um conjunto de estruturas muito pequena. A armação do filme é relativamente simples. Pode mudar o contexto, o personagem, mas basicamente os personagens são de uma classe média baixa, suburbana. Não são mais os aristocratas do passado. E, enfim, o exercício para o cineasta B, é extrair uma potência dramática de interação com o espectador desse mínimo. Por outro lado, para a grande indústria, quanto menos ela gastar e mais ela faturar, melhor. É um de tipo cinema atrativo do ponto de vista econômico.

**E** - A tecnologia ajuda nesse sentido da economia?

**HH** - Hoje com o digital é fácil fazer monstro no computador. Quarenta anos atrás, quando não tinha computador para isso, você precisava de efeitos mecânicos, de maquiagens, que eram muito caros. Isso a Hollywood basicamente fazia. Mas hoje não, qualquer criança em casa pega um After Effects e faz. Não tem mais dificuldade nenhuma. Isso é um outro dado que explica a explosão do terror no mundo inteiro. Hoje, países de pouca tradição cinematográfica e com pouco dinheiro, fazem filmes de terror porque se tornou relativamente fácil produzir os efeitos para esse tipo de cinema. Não que todas as obras sejam de efeitos, porém se torna mais simples de fazer um diabinho ali, um monstrinho acolá e pronto.

**E** - Tem alguma diferença de público? O senhor



O professor Hernani Heffner opina sobre os filmes B

percebe se tem um público indo mais na direção de um filme tipo B ou de maior produção?

**HH** - Filmes de tipo B se tornaram mais fortes. Inclusive, os cultores do gênero fazem até questão de descobrir filmes obscuros. Faz parte, inclusive, da sociabilidade do fã. Do tipo quanto pior, melhor. O bem produzido ele já desconfia "Hm, esse filme aí quer parecer bonitinho, bem-acabado... Quer só meu dinheiro... não vai muito longe. Não vai me trazer nada, eu já vi isso". Agora "Ah, a Islândia faz filme de terror, vamos ver filmes de terror islandeses!" Os caras já se ouçam de "Pô, vamos lá, vamos descobrir. De repente tem alguma coisa interessante. Vamos ver que mitologia é essa, quais monstros vêm da Islândia". Acho que o filme B entrou para o Panteão da mitologia do gênero. O filme de terror é bom quando é B. É quase uma assinatura de qualidade para esse tipo de cinema.

**E** - Então, podemos entender o crescimento de países como Japão, Coreia e Islândia como potências cinematográficas hoje em dia por causa do crescimento do filme B?

**HH** - Sim. Hoje em dia, quem gosta do gênero relativamente curte pouco o terror vindo, por exemplo, dos EUA, porque é muito repetitivo. É "Atividade Paranormal 1, 2, 10, 15". É "Premonição 1, 2, 10, 15". São filmes baratos e repetitivos. O que há de interessante nos longas de terror de outros países, sobretudo desses emergentes, é que eles não têm fórmula. Eles estão lá criativamente experimentando. Eventualmente até tentam ir para os EUA para ter um orçamento grandão, fazer algo mais sofisticado e etc. No entanto, muitos não se dão bem.